SADDAM HUSSEIN

PRESIDENTE SADDAM HUSSEIN

ENTREVISTADO SOBRE AS

EXPERIÊNCIAS E POLÍTICAS IRAQUIANAS

رقم الإيداع بالهيئة المصرية العامة للكتاب ١٠٨١ لسنة ٧٦ / ر
المطبعة العالمية

SADDAM HUSSEIN

PRESIDENTE SADDAM HUSSEIN

ENTREVISTADO SOBRE AS
EXPERIÊNCIAS E POLÍTICAS IRAQUIANAS

SADDAM HUSSEIN

PRESIDENTE SADDAM HUSSEIN

ENTREVISTADO SOBRE AS

EXPERIÊNCIAS
E POLÍTICAS IRAQUIANAS

Publicado por
Dar al-Ma'mun para Tradução e publicação
Baghdad, 1981

Prólogo

O Presidente Saddam Hussein foi entrevistado em Janeiro de 1981 pelo jornalista Árabe Nasser Al-Din Al-Nashashibi. A entrevista foi publicada no diário Al--Anba' do Kuwait no dia 19 de Janeiro de 1981.

A entrevista cobria muitos aspectos da política Iraquiana — Árabe e estrangeira.

Abordava também o conflito Iraque-Irão e a relevante atitude do Iraque, política e militar.

Além disso falava sobre a experiência particular do Presidente Saddam Hussein na chefia e das suas opiniões sobre os vários aspectos.

Este folheto contém o texto da entrevista.

Entrevistador: O Rei Hussein Bin Talal (da Jordânia) foi o primeiro a apoiá-lo nesta guerra (com o Irão), não foi?

O Sr. Presidente: Sim, efectivamente. Eu hesitei ao princípio em informá-lo do desenvolvimento da nossa crise com o Irão, receando que ele pensasse que estávamos a procurar o seu apoio nesta luta. Disse-lhe isto pessoalmente depois de ter recebido o seu primeiro telefonema. Ele encorajou-me a dizer-lhe que eu tencionava informá-lo de toda a situação, mas eu receava que algumas pessoas podessem interpretar isso como uma tentativa para ganhar o seu apoio, do qual estaríamos necessitados. Agradeci-lhe pela sua chamada e disse-lhe que estava muito orgulhoso da sua posição.

Eu não queria divulgar esta chamada, mas o próprio Rei Hussein fê-lo.

Apreciei grandemente a posição do Rei da Jordânia. A primeira coisa que ele fez após regressar a casa foi contactar-me, expressando o seu apoio e as suas felicitações pela vitória conseguida, numa altura em que o conflito estava nos seus primeiros dias.

Entrevistador: Qual seria a sua posição se a Síria, uma vez mais, desdobrasse as suas forças contra as fronteiras do Jordão, trazendo toda a situação para o ponto de explosão?

O Sr. Presidente: Desejamos ao Rei Hussein todo o bem, vitória e felicidade. Nós consideramo-lo como irmão

e (o outro) como intruso. De acordo com isto, formularemos a nossa atitude.

O Sr. Presidente: Nós discutimos vários aspectos. É muito cedo para revelá-los. Posso contudo dizer-lhe que o Centro Nuclear foi bombardeado pelo Irão e outra parte que possui o mesmo tipo de avião Phantom, particularmente Israel.

Alguns dos aviões que nós abatemos — e capturámos os seus pilotos iranianos — confirmaram a participação do Irão no ataque. Mas noutros aviões abatidos durante o ataque, os botões de segurança fixados às cadeiras dos pilotos, tinham sido tirados. Portanto esses pilotos foram mortos e os seus corpos não puderam ser encontrados. Obviamente, isto destinou-se a esconder as suas identidades. O último grupo de aviões e os seus pilotos eram definitivamente israelitas.

Entrevistador: O Iraque planeia o fabrico de armas nucleares?

O Sr. Presidente: Os planos básicos do Iraque são limitados ao uso da energia nuclear no interesse do Iraque e da Nação Árabe. Não é definitivamente para fins militares. Aquelas pessoas que levantaram esta questão estão ansiosas em não insistir neste delicado assunto com muitos detalhes, porque conhecem a extensão da aplicação da tecnologia moderna e dos seus meios desenvolvidos no Iraque. É muito inconveniente falar aqui em detalhe sobre tão delicado assunto. Mas digo-lhe isto: Nós aderimos ao

princípio do uso da energia nuclear para fins pacíficos. Na verdade fizemos seguir para as Nações Unidas uma proposta para que fosse tomada uma resolução internacional para tornar o Médio Oriente numa zona livre de armas nucleares.

Entrevistador: Mas Israel diz que está pronto a assinar qualquer acordo que fiscalize a proliferação de Armas Atómicas. O que pensa disto?

O Sr. Presidente: Isso é completamente insuficiente e não satisfatório, tanto quanto nos diz respeito. Israel deve declarar a sua prontidão em destruir todas as suas armas atómicas. Apelou para a não-proliferação destas armas só depois de ter produzido e ficar na posse de bombas atómicas. Não favorece a expansão desta tecnologia nuclear para o Iraque ou outros Àrabes. Esta manha por parte de Israel é para nós perfeitamente compreensível.

Israel devia concordar em abrir as portas a uma comissão internacional de inspecção, para verificar todas as suas armas nucleares e instalações, e destrui-las.

Nós, Árabes, estamos prontos a apresentar um compromisso escrito a todo o mundo, contra a produção de qualquer armamento atómico.

Entrevistador: Não seria suficiente que Israel declare a sua prontidão em não permitir a proliferação de armas atómicas?

O Sr. Presidente: O que nós exigimos é a aplicação de todas as regras e resoluções emitidas pelas Nações

Unidas. Israel deve obedecer as estas regras e resoluções. Nós não produzimos bombas atómicas mas de maneira alguma permitimos que Israel nos impeça o nosso avanço em direcção das fases técnicas pelas quais é possível produzir a energia atómica de uma maneira científica compatível com o nosso deenvolvimento, com a nossa vida, recursos, mentalidade e moral.

Entrevistador: Felizmente que o ataque suicida sobre os centros de pesquisa nuclear no Iraque, foi um fracasso.

O Sr. Presidente: Nós dissemos, Sr. Nasir, dizemos agora e sempre que os homens que ontem obtiveram estes meios (instalações nucleares) estão aptos a obtê-los hoje e amanhã, se fossem destruídos ou atingidos.

Devo frisar que já não é possível impor um cerco à Nação Àrabe, neste aspecto. Nós dominamos a mente política, o potencial económico e as relações internacionais necessárias para conseguir a desejada fase no processo nuclear, não importa quão longo seja o caminho.

Entrevistador: Não acha que a sua persistência em seguir esta linha perigosa juntamente com aquilo que faz para construir o cidadão iraquiano e a pátria iraquiana poderia expor Vossa Excelência — como foi o caso com alguns chefes muitos conhecidos na história do Oriente Árabe — a conspirações internacionais desencadeadas pelos inimigos dos Árabes contra todos que tentem ameaçar os interesses imperialistas da região ou a construir o homem árabe forte?

O Sr. Presidente: Desde que assumimos o poder, temos estado continuamente a fazer face a conspirações. À medida que vamos avançando ao serviço desta nação e desta pátria, a ferocidade das conspirações externas vai aumentando. Sabemos o perigo que isto representa e tomamo-lo na devida conta.

Em 6 de Dezembro, eu disse ao Governo que certas grandes potências procuravam privar-nos do espírito da vitória. Eu disse aos Iraquianos para se agarrarem à confiança, à determinação, ao espírito da vitória, pois que eventualmente ficaríamos triunfantes.

Entrevistador: O Iraque está pronto a unir esforços para atingir uma solução justa para a causa da Palestina?

O Sr. Presidente: Se V. entende por solução justa, por exemplo, uma alternativa tecnicamente formulada aos acordos de Camp David, essa será rejeitada e inaceitável. Quanto a uma solução que restitua aos Árabes e ao Iraque os seus direitos absolutos na Palestina sem derramamento de sangue, estamos completamente prontos para aceitá-la imediatamente. Estamos mesmo prontos a assinar tal solu-
imediatamente. Estamos mesmo prontos a assinar tal solu-
ção em proveito de todos os Árabes se eles nos pedirem para fazê-lo.

Entrevistador: Qual é essa solução sob o seu ponto de vista, Sr. Presidente?

O Sr. Presidente: É que a Palestina deve ser devolvida aos Árabes e os Árabes devem regressar à Palestina.

Entrevistador: Quer dizer, toda a Palestina?

O Sr. Presidente: Sim, digo-lhe isto a si — como um árabe falando com um árabe. Concordamos com qualquer solução parcial que não feche a porta à restituição da Palestina. Contudo, opomo-nos a qualquer solução que signifique a Palestina como uma pátria e como uma causa para afundar-se no mais completo esquecimento e para perder-se para sempre.

Entrevistador: Mas os Estados Unidos acusam-no a si de extremismo.

O Sr. Presidente: E nós acusamos os Estados Unidos de extremismo e de usurpar os nossos próprios direitos e de roubar o nosso território.

Os Estados Unidos acusam-nos de extremismo porque nós desejamos restaurar os perdidos direitos dos Árabes.É uma acusação razoável? Será que aquele que apela para restaurar os seus direitos perdidos, torna-se um extremista no dicionário internacional?

Nós acusamos públicamente os Estados Unidos de fazer amigos e alianças com Israel, contra os direitos e interesses Árabes.

Entrevistador: É por causa da amizade dos Estados Unidos com Israel que as vossas relações diplomáticas com eles permanecem cortadas?

O Sr. Presidente: Sim, certamente, foi por essa razão que foram cortadas.

Entrevistador: Quando serão restabelecidas estas relações?

O Sr. Presidente: Serão restabelecidas quando soubermos que o seu restabelecimento é no interesse dos Árabes em primeiro lugar e do Iraque, em segundo lugar.

Entrevistador: Não faz parte do jogo diplomático chegardes a acordo com os Estados Unidos, uma vez que estais fazendo a guerra contra o Irão?

O Sr. Presidente: Nós já compreendemos o jogo diplomático, mas nunca o jogaremos.

É talvez útil, diplomaticamente, que restabeleçamos relações com os Estados Unidos. Contudo, partindo de um mais amplo ponto de vista, queremos que os Estados Unidos compreendam que nós não somos a espécie de gente que queira ou goste de envolver-se em tais jogos.

Não subestimamos a grandeza dos Estados Unidos ou amesquinhamos a sua posição internacional — como uma das duas grandes potências do mundo. Pelo contrário, esperamos que eles avaliem os direitos dos Árabes por outro prisma que não a actual e vergonhosa inclinação em prol de Israel. Se os Estados Unidos assim o fizerem, as nossas relações serão positivas, construtivas e efectivas.

Quando eles formularem um relacionamento positivo com os Árabes e um ponto de vista justo dos seus próprios direitos, então poderemos restabelecer as nossas relações diplomáticas com eles.

Entrevistador: Até agora nada disto aconteceu, não é verdade?

O Sr. Presidente: Absolutamente nada.

Entrevistador: Não é suficiente que os Estados Unidos sejam inimigos do vosso inimigo Persa?

O Sr. Presidente: Não, isso não é suficiente.

Entrevistador: O que poderá então ser suficiente?

O Sr. Presidente: Não faz parte das nossas condições que os Estados Unidos se convertam num amigo para os Árabes. Mas é certamente uma das nossas condições que eles desistam da sua atitude amigável para com Israel e que foi tomada à nossa custa e dos direitos dos Árabes. Isto, presentemente, é suficiente para nós.

Entrevistador: Fizeram os Estados Unidos algum esforço diplomático para restabelecer as relações — as quais vós haveis encarado com estas condições e concepções?

O Sr. Presidente: Fizeram-no muitas vezes e muitas vezes nós respondemos também desta maneira clara.

Entrevistador: Quando foi a última tentativa?

O Sr. Presidente: Há dois meses. Os Estados Unidos perguntaram-nos se concordávamos com um encontro a realizar-se — por exemplo— nas Nações Unidas, entre um diplomata iraquiano e um diplomata americano, ou se concordavamos ou não em receber no nosso país um enviado americano, durante uma visita à região, apesar do corte das relações diplomáticas.

Respondemos ao pedido americano dizendo que não nos importávamos de realizar o encontro a qualquer nível. Contudo, pusemos uma condição, a de que o encontro

deveria ser precedido de alguns cálculos quanto ao significado, vantagens e aspectos de tal encontro.

Dissemos aos Americanos que se um diplomata iraquiano fosse a Nova York e pedissem para ter um encontro com ele, nós concordariamos, desde que a questão fosse estudada e avaliada antes do encontro. Na verdade o Sr. Edmond Muskey, Secretário de Estado na Administração do Presidente Carter solicitou há dois meses um encontro em Nova York com o Ministro dos Negócios Estrangeiros iraquiano, Dr. Sa'doun Hammadi. O encontro acabou finalmente por realizar-se, a despeito da ausência de relações diplomáticas entre os dois países.

Entrevistador: Qual foi o tópico discutido nesse encontro?

O Sr. Presidente: O Sr. Edmond Muskey, Secretário de Estado na Administração do Presidente Carter, levantou a questão do restabelecimento das relações entre o Iraque e os Estados Unidos. Ele tentou explicar ao nosso Ministro dos Negócios Estrangeiros o ponto de vista americano da chamada crise do Médio Oriente.

O Dr. Sa'doun Hammadi explicou o ponto de vista do Iraque nessa questão, e disse ao Dr. Muskey que quando sentissemos que o restabelecimento das relações diplomáticas do Iraque com os Estados Unidos fosse do interesse do Iraque e dos Árabes, nós fariamos tal restabelecimento publicamente.

Mas antes disso ou em condições diferentes desta, nunca o faremos.

Entrevistador: Estais optimistas quanto à entrada da nova administração?

O Sr. Presidente: Basicamente, Sr. Nasir, os Estados Unidos — como uma grande potência — não modificam drasticamente as suas políticas. Tendem a fazer certos acertos na modificação parcial, temporária e cosmética. Não queremos aqui desencorajar esses acertos de mudança nem pretendemos ignorá-los. Preferimos antes pensar que estas modificações cosméticas não devem ser consideradas como mudanças drásticas na política externa americana.

Temos de encorajar qualquer modificação positiva mas apenas dentro dos respectivos padrões. Temos de vigiar em seguida que acção recíproca poderá surgir de tal modificação, antes de desempenharmos o nosso papel efectivo junto dos Estados Unidos.

Este país tem certos interesses na nossa região e na pátria Árabe. Se os Árabes tivessem seriamente exercido pressão económica e diplomática sobre esse país, mudanças drásticas ter-se-iam concretizado no política americana, muito mais do que até agora aconteceu ou do que se espera que aconteça. Por pressão não quero significar um mero impasse, mas uma pressão móvel.

Entrevistador: Excelência, que pressão é esta?

O Sr. Presidente: Os Árabes devem dizer franca e claramente aos Estados Unidos, que é completamente irrazoável e ilógico que os seus interesses na região permaneçam como estavam, sem qualquer prejuízo ou consequência, enquanto eles apoiam Israel contra os interesses Árabes.

Entrevistador: O Iraque está pronto a falar dessa maneira com os Estados Unidos?

O Sr. Presidente: Sim, isso mesmo, com toda a clareza e sem qualquer hesitação.

Entrevistador: Está o Iraque pronto a exercer tal pressão sobre os Estados Unidos?

O Sr. Presidente: Sim, certamente, informámos várias vezes os americanos desta atitude. Na verdade, as relações do Iraque com os Estados Unidos estão presentemente cortadas por causa desta questão em particular.

Entrevistador: Está o Iraque pronto a utilizar especialmente o petróleo como uma arma contra os Estados Unidos, de maneira a forçá-los a apoiar os direitos Árabes?

O Sr. Presidente: Durante a Guerra de Outubro de 1973, o Iraque pediu a todos os Árabes para usarem a arma do petróleo. O Iraque usou-a quando nacionalizou os interesses americanos neste país, incluindo o petróleo. Em termos de dignidade, somos obrigados a enfrentar o inimigo com todas as nossas armas e a enfrentar o amigo do nosso inimigo com as armas capazes de neutralizar a sua amizade para com o nosso inimigo.

A política americana teria passado por uma mudança total, se os Árabes tivessem seriamente dito aos Estados

Unidos que eles não podem suportar as consequências *das* pressões exercidas pela opinião pública Árabe — como resultado das injustiças cometidas pelos Estados Unidos contra os direitos Árabes, ao alinhar com Israel, enquanto os seus interesses se mantêm intactos.

Entre o povo americano existe uma minoria judaica, mas nem todos os americanos são Judeus. A vasta maioria do povo americano, posso dizer, tem interesses na área Árabe que eles têm a maior ânsia em proteger.

O povo americano tem a sua própria dignidade e o seu carácter independente e nacional. Eles começaram a murmurar por causa da pressão dos Israelitas sobre eles. É agora a altura dos Árabes se mexerem e utilizarem isto para os seus interesses.

Entrevistador: Gostaria de ouvir algo mais de Vossa Excelência sobre este ponto.

O Sr. Presidente: Estou certo que o uso da arma adequada no momento próprio é a maneira correcta de conquistar a vitória nas batalhas diplomáticas e políticas, exactamente como se passa nas guerras.

Entrevistador: Agora que as relações entre vós e a Jordânia atingiram tão elevado grau de fraternidade, podemos esperar que os recursos e forças do Iraque serão colocados em linha de confrontação directa com o inimigo?

O Sr. Presidente: Pode dizer-me, por favor, se o Iraque alguma vez hesitou em utilizar os seus recursos a favor da Jordânia ou qualquer outro país? E o Iraque

alguma vez impediu — Deus não o permita — que os seus recursos fossem postos ao serviço de todos os Árabes?

Entrevistador: Eu queria dizer, Excelência, tanto em tempo de guerra com em tempo de paz.

O Sr. Presidente: O que espera V. quanto à maneira de usar estes recursos sobre as fronteiras directas do inimigo em tempo de paz? Nós dizemos à Nação Árabe que alinhamos sempre com os nossos irmãos Árabes, especialmente aqueles que alinham conosco nesta ou numa outra crise contra os nossos inimigos. Não tentámos estabelecer qualquer fusão com qualquer país árabe, a não ser com a Síria. Mas não fazemos da questão de união um jogo para brincar. Não a subestimamos ou usamos para propósitos internos especiais.

A unidade para nós é um tema sagrado e não tentamos estabelecê-la hoje para renunciar a ela amanhã. Nós faremos dela uma carta para jogar nas nossas relações com os países ocidentais.

Nós propusemos a unidade apenas com a Síria. Mas V. poderá interrogar-se a si próprio quantas vezes o regime sírio jogou essa questão da unidade com o Egipto, Líbia, Jordão e outros países.

Ao responder a esta pergunta V. ficará decerto a saber quem estava ou não a proceder seriamente, quanto aos passos a tomar na questão de unidade entre a Síria e o Iraque.

Entrevistador: Os vossos inimigos acusam-vos , entre outras coisas, de seguir na peugada do falecido Presidente Gamal Abdul-Nassir (do Egipto) de modo a criar uma nova chefia para os Árabes — com base em Baghdad. Qual é o seu comentário sobre esta acusação?

O Sr. Presidente: O falecido Gamal Abdul-Nassir representa uma grande parte da nossa história — a história da Nação Árabe. Apesar dos fracos resultados da sua experiência, nós realmente admiramo-la.

Na verdade, nós estudámos e avaliámos, profunda e cuidadosamente, a sua experiência e tirámos os nossas próprias lições. Mas não imitamos ou seguimos os passos de Abdul-Nassir ou qualquer outro chefe, simplesmente porque não faz parte da nossa política nem faz parte das nossas tradições ou costumes. Isto obviamente, não significa menosprezo pelos outros, nem qualquer falta de respeito para com eles.

O que nós acreditamos, simplesmente, é que cada fase tem as suas próprias circunstâncias, os seus própios homens, as suas próprias responsabilidades e os seus próprios riscos.

Abdul-Nassir chegou numa certa fase histórica, ao passo que o nosso sistema chegou noutra. Nunca dissemos que desejavamos a chefia dos Árabes. O que nós dissemos e continuamos a dizer é que, ao contrário, estamos ao serviço dos Árabes. Tudo o que procuramos é a glória, grandeza e dignidade desta nação (Árabe). Para

esta finalidade estaremos sempre prontos a oferecer aos nossos irmãos Árabes tudo o que estiver ao nosso dispor. Isso, oferecemo-lo com toda a modéstia e respeito. Similarmente, apresentamos-lhe os nossos próprios pontos de vista e conselhos.

Explicámos aos nossos irmãos Árabes em várias reuniões que lhes tínhamos dado o direito de criticar-nos, com pontos de vista e conselhos sobre os nossos assuntos internos e externos. A única condição que estabelecemos foi que tais críticas deviam ficar associadas a um espirito de cooperação — positivo, fraterno, irmão. Por isso, pedimos-lhe permissão para exprimir com franqueza e clareza os nossos pontos de vista sobre todos os aspectos das suas políticas relativas à Nação Árabe.

É nesta base sólida que tratamos com os nossos irmãos Árabes. É perfeitamente adequada a esta fase. Não existe outra base — política ou filosófica — que mais os provoque e naturalmente às entidades nacionais dentro de cada país, do que a imposição da chefia sobre os outros.

Concretizando melhor, a base correcta para (relações inter-Árabes) isso é a acção recíproca normal e fraternal e não ditada pela força.

É esta a nossa política. Dissemos aos nossos irmãos em diversas ocasiões e particularmente durante a última Cimeira Árabe de Amman que cada parte deve desejar que a outra seja igual e que cada uma esteja convencida e orgulhosa do seu próprio sistema. No entanto, quaisquer

que sejam os nossos desejos ou sentimentos, devemos compreender — como Governos — que enfrentamos não somente as possibilidades de anexação ou isolamento, mas também outra — muito mais razoável, boa e positiva. Trata-se de atingir um consenso total, tomando os passos sérios e essenciais quanto ao nosso futuro, dentro das circunstâncias positivas e disponíveis, não importa que este passo seja curto em relação às esperanças deste grupo de Árabes, ou que seja maior que as esperanças desse mesmo grupo.

É esta a nossa política correcta e que pode oferecer um serviço verdadeiro e realista a esta nação (Árabe) e que é ao mesmo tempo revolucionária porque é uma política progressiva, caminhando sempre em frente.

Entrevistador: Mas os princípios do Partido Socialista Árabe Ba'th não acreditam em entidades (Árabes)?

O Sr. Presidente: Eu disse que todos os Árabes têm razão em desejar o que gostam, mas devem também compreender que vivemos dentro de várias entidades. Eles devem agir de maneira que não ignorem esta realidade, mantendo antes um motivo realista para os seus desejos. Compreende-me?

Entrevistador: É uma corda esticada, na qual é difícil caminhar com segurança.

O Sr. Presidente: Mas, como as nossas experiências indicam, não é impossível — difícil mas não impossível.

Entrevistador: Deve ter ouvido falar nos apelos feitos

pela nova Administração Americana para a reconstrução do poder americano no mundo — especialmente no Médio Oriente — para restaurar a dignidade e o prestígio dos Estados Unidos. Qual é o seu comentário?

O Sr. Presidente: As grandes potências têm muitos desejos e esperanças. Mas nós Árabes temos de impedir os Estados Unidos ou outros de concretizarem tais desejos à custa dos Árabes. Não devemos permitir-lhes que restaurem a sua dignidade global e a sua posição à custa da preservação dos direitos e dignidade Árabes.

Cada grande potência tem a sua própria estratégia internacional — que eles tendem a chamar responsabilidade internacional. Contudo, através da nossa solidariedade, independência e através da cooperação com círculos internacionais — de harmonia com os nossos próprios interesses — podemos conquistar aquilo que primariamente sirva os nossos próprios interesses.

Podemos também garantir, em primeiro lugar, a nossa própria segurança, protecção e felicidade.

Entrevistador: Oferecer aos Estados Unidos bases militares ou facilidades — como as chama o Presidente Anwar Sadat do Egipto — estará de acordo com os supremos interesses Árabes?

O Sr. Presidente: Como lhe disse, não está. Isso não poderá servir os interesses árabes, de modo algum. Oferecer bases militares ou facilidades aos exércitos estrangeiros expõe os Árabes a planos para dividi-los, por entre os interesses conflituosos das grandes potências.

Entrevistador: Quando um Estado Árabe declara *que* oferece bases militares e facilidades a potências estrangeiras, para proteger-se contra a infiltração comunista exterior, que podemos nós dizer ou responder?

O Sr. Presidente: Podemos perguntar-lhe se conhece alguma entidade Árabe que o estrangeiro tivesse protegido contra a vontade do seu próprio povo. Podemos também perguntar-lhe se um regime Árabe poderia garantir ou não a sua sobrevivência, ao confiar numa potência estrangeira.

Se a resposta for afirmativa, teremos de admitir que os seus pontos de vista e comportamento foram correctos.

Mas se a resposta for negativa; e que nenhum dirigente pode proteger-se a si próprio excepto pelo poder do seu povo, dos seus irmãos e das suas correctas relações com o mundo exterior, podemos certamente dizer que é absolutamente ilógico e errado confiar no poder de um estrangeiro para servir os interesses de cada um dentro do corpo árabe.

Declarámos estes pontos de vista em Fevereiro de 1980, bem antes do início do conflito com o Irão. Dissemos então:

a) o Árabe não deve usar a força contra qualquer outro Árabe;

b) não deve oferecer bases ou facilidades militares a qualquer estrangeiro;

c) deve resolver os seus problemas por si próprio e por meios pacíficos e não deve recorrer ao uso da força excepto ao defender a soberania e

d) deve manter-se ao lado do seu irmão Árabe que defende os interesses nacionais Árabes, contra um estrangeiro.

Estes simples princípios que declarámos previamente passaram infelizmente despercebidos entre alguns Árabes.

Entrevistador: Posso perguntar-lhe qual o seu ponto de vista da chamada iniciativa europeia sobre a questão do Médio Oriente?

O Sr. Presidente: Nós encorajamos sempre qualquer estrangeiro para subirr um degrau na compreensão das questões Árabes.

Mas através deste encorajamento não podemos nunca aceitar a sua atitude como um código que defina os nossos próprios direitos. Pusemos isto abertamente aos europeus e deixamos claro para eles que uma longa distância os separava ainda de uma justa solução para a questão Palestiniana.

No entanto, nós de facto encorajamo-los a moverem-se de um ponto para outro, sem adoptar as suas posições ou passos como se fora uma estrutura para resolver as nossas próprias questões.

Disse isto aos franceses e também ao Sr. Thorn, representante da Comunidade Económica Europeia e a todos os membros desta Comunidade que me interrogaram àcerca disso.

Entrevistador: Como descreve as vossas presentes relações com a Grã-Bretanha?

O Sr. Presidente: Normais.

Entrevistador: Normais e boas?

O Sr. Presidente: Eu não as chamei boas, mas sim normais.

Entrevistador: E àcerca das vossas relações com os Estados Unidos da América?

O Sr. Presidente: Não são boas.

Entrevistador: Quais são as vossas relações com os Soviéticos?

O Sr. Presidente: São boas. Deixe-me dizer-lhe que são boas.

Entrevistador: O que esperais vós da Cimeira Islâmica — a realizar-se dentro de uma semana em Taif na Arábia Saudita?

O Sr. Presidente: Eu diria "ter esperança" em vez de esperar.

Entrevistador: E qual é a sua esperança, Excelência?

O Sr. Presidente: Tenho esperança de que se consolidarão as relações islâmicas e se estabelecerá uma linha clara para os estados islâmicos, que possa conduzir a maior compreensão mútua, acentuando a sua independência e acção recíproca com o mundo em geral.

Entrevistador: Poderão as possibilidades de solidariedade dentro da próxima Cimeira Islâmica compensar algumas "fendas" que se abriram entre os Árabes durante a sua última cimeira em Amman?

O Sr. Presidente: Com a maior franqueza... não. Nada poderá compensar um prejuízo no ambiente árabe.

Entrevistador: Vai enviar para a Conferência Islâmica certas propostas sobre determinados assuntos?

O Sr. Presidente: Permita-me que reserve a minha resposta para depois de concluída a conferência.

Entrevistador: Como haveis entendido a última decisão israelita de anexar Al-Quds (Jerusalém) — a primeira das duas Kiblahs e o terceiro local Sagrado — e declarar a mesma como uma capital permanente para Israel?

O Sr. Presidente: Esta decisão — com toda a bem conhecida e definida estratégia sionista envolvida — não nos surpreendeu. Não foi nada de novo. Foi tomada em consideração na nossa estratégia árabe para a libertação da pátria ocupada — uma contra-estratégia a opor à do inimigo.

Quanto à nossa resposta à decisão israelita, em termos de tratamento de uma questão especial, nós não protestámos apenas ou apenas mostrámos tristeza e aflição. Nós agimos — eu viajei para Taif (na Arábia Saudita) onde nós e as autoridades sauditas decidimos uma estratégia clara que determina um boicote global de todos os Estados que reconheçam Al-Quds (Jerusalém) como capital de Israel. Determina também o boicote diplomático e económico de todos os Estados que recusem transferir as suas embaixadas de Al-Quds (Jerusalém) dentro de um mês.

No fim do período de um mês, todas as embaixadas estrangeiras saíram de Al-Quds (Jerusalém). Deste modo a decisão israelita tornou-se inútil e sem significado.

Desta maneira expressamos a nossa opinião sobre a decisão de Israel em Al-Quds (Jerusalém) — com uma força prática que deu à nossa posição conjunta com a Arábia Saudita uma influência directa e imediata, similar à que a decisão de Israel havia conseguido (ao princípio).

Entrevistador: Não resisto a continuar com a questão de Al-Quds (Jerusalém). É a minha terra natal. Vossa Excelência vê alguns meios para salvá-la?

O Sr. Presidente: Al-Quds (Jerusalém) será salva quando for restituída.

Entrevistador: Como?

O Sr. Presidente: Se for restituída por meios políticos e diplomáticos, que não fechem a porta à restituição do resto da Palestina, está tudo certo. Se for necessário o uso da força, tudo está certo também. Em ambos os casos estamos de acordo, confiantes e prontos.

Alinhamos com a diplomacia desde que ela não nos faça perder o resto dos nossos direitos. E alinhamos quanto ao uso da força, se não houver outra opção.

Entrevistador: Qual a posição do vosso vizinho muçulmano, Turquia, quanto à vossa guerra contra o Irão?

O Sr. Presidente: A sua posição não é hostil nem oposta à nossa. Explicámos a situação aos seus dirigentes e eles compreenderam-na.

Entrevistador: E quanto a Moscovo?

O Sr. Presidente: A União Soviética é uma das duas maiores potências. Temos um relacionamento e uma amizade com este país, dentro da concepção da amizade internacional. Temos de facto o maior interesse em preservar tanto o relacionamento como a amizade.

Como disse em relação aos Estados Unidos, tivessem eles adoptado uma posição justa e razoável para com os Árabes, teriam encontrado no Iraque e na pátria Árabe uma atitude amigável, completamente diferente daquela que agora enfrentam. Contudo a União Soviética, independentemente de detalhes e cálculos, adopta para as causas árabes, uma atitude apoiante e amigável. Daí termos interesse em preservar as nossas relações com a União Soviética. É uma grande potência que nos apoia e nos vende as armas que necessitamos: Isto fez-nos sentir a obrigação de lhe explicarmos os assuntos relacionados com o nosso conflito com o Irão — para o qual mostraram verdadeira compreensão.

Entrevistador: A compreensão demonstrada pelos Soviéticos nestes assuntos, foi completa e da maneira que nós favorecemos e desejamos?

O Sr. Presidente: Há assuntos sobre os quais nós concordamos com os Soviéticos. Há também outros assuntos sobre os quais existe desacordo. Isto é completamente normal, não acha?

Entrevistador: Ouvimos dizer que o filho do falecido Xá do Irão proclamou-se ele próprio imperador, sucedendo a seu pai?

O Sr. Presidente: Nós dizemos sempre que a natureza

dos governos e a identidade dos dirigentes são assuntos a decidir pelos próprios povos e não por outros. O Xá não era um árabe, nem seu filho o é. O sistema, assim como a identidade do chefe e do seu filho no Irão, são questões a ser decididas apenas pelo povo do Irão, e não por nós.

Entrevistador: Falando àcerca do Xá do Irão, lembrei-me do Presidente Anwar Sadat do Egipto. Quais são as condições postas pelo Iraque para o regresso do Presidente do Egipto para o seio dos árabes de modo que o Egipto possa regressar ao corpo árabe?

O Sr. Presidente: Há um grande número de suposições com muitos "ses". Contudo, eu creio que o Presidente Sadat escolheu a sua posição para sempre, como resultado da falta de poder, falta de auto-confiança e falta de confiança na sua nação.

Entrevistador: Qual é a solução?

O Sr. Presidente: O futuro dependerá de quem virá depois de Sadat.

Entrevistador: Poderá alguém agir, com a existência de artigos secretos, laços perniciosos e restrições contidas nos acordos de Camp David?

O Sr. Presidente: Um dirigente fiel pode sempre criar uma atmosfera própria para servir a nação e a pátria.

Entrevistador: Como é que a guerra afectou o petróleo do Iraque, em termos de produção e preços?

O Sr. Presidente: Os preços não foram afectados pela guerra. Mas a comercialização e a produção foram afectadas como resultado do decréscimo na exportação e das dificuldades existentes, por força das circunstâncias presentes. Mas não posso revelar a si a taxa de decréscimo na produção ou na exportação devido às condições de guerra e do necessário sigilo.

Entrevistador: Ides exigir uma certa forma de autonomia para os Árabes da região do Arabistan, como uma condição para acabar a guerra (com o Irão)?

O Sr. Presidente: Considerada a experiência de autonomia para a minoria Curda no Iraque, nós tendemos naturalmente para apoiar qualquer caso similar em qualquer outro país. No Irão existem cinco minorias étnicas diferentes. Se existirem circunstâncias apropriadas de modo a que eles possam gozar uma forma de autonomia, teremos não só muito prazer mas também apoiaremos e abençoaremos tal passo, porque é compatível com as nossas opiniões e a nossa política.

Quanto ao Iraque apresentar tais propostas, isto é algo que diz respeito aos próprios povos iranianos.

Entrevistador: Como árabes, porque não o fazeis vós a favor dos árabes no Arabistan?

O Sr. Presidente: Até agora não agimos, tendo em vista a nova realidade que resultou da guerra (com o Irão). Preferimos lidar com o assunto em função dos princípios gerais. Obviamente, nós apoiamos os nossos irmãos, especialmente contra um Estado hostil com o qual ainda estamos em guerra. Efectivamente, nós alinhamos com

todos os povos que procuram obter os seus direitos e a auto-determinação.

Entrevistador: Está completamente satisfeito com a sua capacidade para possuir armas suficientes, se esta guerra durar mais tempo do que já durou?

O Sr. Presidente: Não acha que já durou muito tempo? A guerra entrou agora no seu quinto mês. É a guerra mais demorada (entre exércitos regulares) desde a Segunda Guerra Mundial.

Apesar de tudo, as armas que temos são qualitativamente e quantitativamente boas. Não há necessidade de preocupações. Mas digo-lhe isto: a guerra pode conduzir a certas circunstâncias conflituosas, políticas e oportunidades. Porém, a nossa capacidade para enfrentá-las não pode ser posta em dúvida. Quero assegurar-lhe novamente que as armas que temos são muito boas.

Entrevistador: Porque não ocupou o Iraque a cidade de Abadan, dado que sois militarmente capazes de fazê-lo?

O Sr. Presidente: Nós declarámos um princípio geral — o qual se tornou muito bem conhecido — de que não temos estado a combater o Irão de maneira a controlar ou possuir algum território iraniano para acrescentá-lo ao território da pátria iraquiana. Pelo contrário, nós fomos para as linhas da frente e temos estado desde então a lutar dentro do território iraniano para proteger as cidades iraquianas da desgraça e proteger o povo iraquiano — que foi bombardeado através das fronteiras iranianas — dos

bombardeamentos iranianos e do terror. E também para restaurar os nossos direitos usurpados pelo Irão.

Por isso sempre que sentíamos que uma acção militar — tal como a ocupação de cidades — podia levar-nos a ficar mais perto de conseguir os nossos direitos, nós executávo-mo-la com rapidez, como aliás já o fizemos. Se, por outro lado, descobríssemos uma forma diferente de acção militar capaz de obter o objectivo desejado sem ocupação militar, então não ocuparíamos qualquer território. Eu não excluo o avanço militar e a ocupação, mas o que estou a dizer é que o campo está aberto para outras formas de acção não-militar.

Entrevistador: Não receia a possibilidade desta guerra se transformar numa guerra de desgaste que poderá custar--vos uma grande quantidade em recursos, esforços e homens, no caso de ela se arrastar por um largo período de tempo?

O Sr. Presidente: Eu posso perguntar-lhe: temos outra opção a não ser a de lutar nesta guerra até à vitória? Não há outra opção. Se não tivéssemos atacado o Irão, este teria avançado para combater-nos dentro do nosso próprio território.

Esta situação continuará enquanto a guerra continuar. Se começasse uma guerra de desgaste, as perdas do Irão seriam muito mais custosas que as perdas do Iraque. As perdas iranianas em homens e recursos seriam muito mais elevadas que as nossas, porque se a guerra continuar o

Irão ficará mais exposto à desintegração, divisão e declínio.

O prolongamento desta guerra intensificaria também a situação tensa dentro do Irão, até chegar ao ponto de explosão e de conflito aberto. Esgotaria homens e a economia do Irão, muito mais do que fará ao Iraque. A guerra já se converteu numa guerra de forças terrestres e de trincheiras, depois que a força aérea do Irão foi enfraquecida e perdeu o seu poder.

Contudo, V. poderá constatar que após cinco meses de guerra a nossa força aérea envolveu-se em operações militares — para apoiar as nossas tropas, desencadear ataques nas zonas de batalha, com um ritmo de 30 ataques por dia. Foi isto que sucedeu em Khafagia no quinto mês de guerra.

Quero novamente assegurar-lhe que a nossa força aérea e as nossas forças em terra, são sólidas. Podemos perder dez mártires, mas só quando o Irão perde duzentos. Um avião iraniano poderá atacar a casa de um cidadão iraquiano, mas os nossos aviões estão presentemente a bombardear alvos militares iranianos, no coração das cidades iranianas.

Uma guerra de desgaste, custaria por isso muito mais ao Irão do que custará ao Iraque.

Entrevistador: Mas existe o risco de um sério desenvolvimento que convide à intervenção de grandes potências nesta guerra. Alguma vez pensou em tal possibilidade?

O Sr. Presidente: A intervenção pelas grandes potências é uma possibilidade aberta, de uma maneira ou outra. Nem eu nem V. ou qualquer outra pessoa pode garantir que tal possibilidade não se concretizará. Quanto ao desenvolvimento desta guerra noutra de longe mais feroz e extensiva, é também uma possibilidade muito provável.

Entrevistador: Que interesse tendes vós em tal questão?

O Sr. Presidente: Não a favorecemos. Mas todos os cálculos internacionais não podem derrotar-nos. Estamos muito bem preparados para todas as surpresas. Não serão estas que nos derrotarão.

Estamos muito seguros da vitória, ou melhor, na verdade nós já obtivemos a vitória.

Entrevistador: O que há àcerca das negociações sobre armamento concluídas com a França? Foram afectadas pela guerra?

O Sr. Presidente: A França declarou oficialmente que havia aderido e cumpriria integralmente todos os seus acordos e compromissos para com o Iraque. Não temos qualquer reclamação a esse respeito.

Entrevistador: Ouvi-o dizer que um punhado de soldados iraquianos mostraram cobardia na batalha e não combateram. O que é que lhes aconteceu?

O Sr. Presidente: A nossa atitude é a de não esconder os factos ao povo. Nós informamos o nosso povo de todas as possibilidades da guerra e de todos os seus acon-

tecimentos e incidentes. Disse aos Iraquianos que prestassem atenção aos homens corajosos que existem nas suas fileiras e avisei-os sobre os cobardes. Com isto, quis pedir ao povo para observar com orgulho os seus soldados e deixar as suas mulheres e crianças demonstrar o seu orgulho e admiração por todos os soldados que seguem para a frente de batalha ou dela regressam.

Além disso, quis prevenir o povo contra qualquer sinal de fraqueza que possa encontrar nalgum soldado. É uma mera possibilidade e um mero aviso e não um caso real, embora eu saiba que casos de medo podem encontrar-se entre os exércitos em todo o mundo, exactamente com os de heroísmo e bravura.

Entrevistador: Não vê uma ligação directa entre o progresso desta guerra e a questão dos reféns (Embaixada Americana) no Irão?

O Sr. Presidente: Gostaria de perguntar-lhe, como cidadão árabe, se V. próprio a vê. O Iraque não pode nunca estar ao serviço de um estrangeiro ou ser uma carta nos cálculos de um estrangeiro. Sou contra qualquer preço que os Estados Unidos possam pagar ao Irão pela libertação dos reféns, à custa do Iraque.

Nós não ajudamos os Estados Unidos a encontrar uma solução para a questão dos reféns. Contudo, de modo algum aceitamos que uma tal solução seja feita à nossa custa. Esperamos que tal coisa não aconteça.

Mas podemos ver os Estados Unidos insinuarem-nos

que tal poderia ser o preço a pagar pelo Iraque para um novo relacionamento entre Americanos e Iranianos.

Nós pensamos que os Estados Unidos tiveram alguma culpa nesta guerra com o Irão — ao encorajá-la. De facto certos círculos americanos encorajaram o Irão a atingir relações tensas connosco, para que os Estados Unidos pudessem avaliar de novo os seus próprios cálculos e fazer os necessários preparativos.

Lembre-se da afirmação do anterior Presidente americano Sr. Carter, quando ele nos descreveu como ''invasores'' nesta guerra.

Entrevistador: Qual é a sua própria filosofia para governar o seu país?

O Sr. Presidente: A minha filosofia é a do Partido Socialista Árabe Ba'th.

Entrevistador: Não tendes vós, particularmente, uma opinião mesmo vossa?

O Sr. Presidente: Sim, é a teoria de acção retirada da teoria do Partido (Bat'th) — que é sempre influenciada por variantes gerais.

Entrevistador: Estamos agora no início de um ano novo. As suas previsões para os acontecimentos deste ano, a nível internacional, são mais optimistas do que pessimistas?

O Sr. Presidente: A situação internacional parece instável. É uma fonte de preocupações. Assim como vemos, está derivando para uma guerra tensa e fria entre as gran-

des potências. Obviamente, isto terá o seu peso no Terceiro Mundo, nas nações em desenvolvimento e nos Árabes em particular.

Entrevistador: É no interesse dos Árabes ver uma tal guerra surgir para que possam usá-la para resolver os seus próprios problemas, ou é do seu interesse apelar para a paz e "detente" entre estas potências — o que será feito à custa dos Árabes?

O Sr. Presidente: Se eu tenho esperanças de que as grandes potências não cheguem a entendimento à custa dos Árabes, similarmente tenho esperanças de que a guerra fria e as subsequentes preocupações não continuarão, à custa da felicidade e estabilidade da humanidade.

Entrevistador: Como líder de um dos maiores e mais efectivos exércitos Árabes — o qual está agora empenhado nesta batalha do destino contra o Irão — qual é a sua mensagem para os seus irmãos árabes na Pátria Árabe?

O Sr. Presidente: Desejo a todos os seus irmãos árabes, grandeza, glória, dignidade e vitória em todas as suas batalhas políticas, económicas e militares. Desejo a todos os meus irmãos árabes, em cada país árabe, felicidades e vitória sobre os seus inimigos. Tenho esperança de que eles conseguirão obter solidariedade, compreensão mútua e sinceridade, ao servir a nossa grande pátria (Árabe).

Entrevistador: Qual é a sua mensagem para os Estados Unidos sob o seu novo Presidente?

O Sr. Presidente: Tenho esperanças de que os Estados Unidos nos compreenderão e aos nossos direitos nas nossas questões. Tenho também esperanças de que os Árabes (governos Árabes) olharão para os Estados Unidos de uma maneira nova e inteligente que possa personificar a nova mentalidade e espírito da nação Árabe.

Tenho esperanças em que eles compreenderão que o povo Árabe de hoje — com todas as suas esperanças, sofrimentos, preocupações, revoluções, consciência — deixou de satisfazer-se com meias-soluções e meios-direitos.

O Sr. Presidente: E qual é a sua mensagem para a União Soviética?

O Sr. Presidente: Eu sempre lhes transmiti a minha mensagem através dos canais diplomáticos. As nossas relações com os Soviéticos são boas. Temos uma Embaixada em Moscovo. As nossas mensagens são sempre transmitidas com toda a honestidade e franqueza.

Entrevistador: Qual é a sua mensagem para os irmãos do Reino Hashemita da Jordânia?

O Sr. Presidente: A minha mensagem para a amada Jordânia é para os honestos e dignos Árabes que, orgulhosamente, sem receio ou hesitação, alinharam com os seus irmãos nestas circunstâncias sérias e decisivas.

Eu conservo a Jordânia — povo, Rei e Governo — em alta estima. Nunca esquecerei a sua posição ao meu lado.

Desejo ao Rei Hussein glória e grandeza e peço a

Deus que faça com que os seus passos sejam um sucesso. Ele desempenhou nesta guerra um papel que a história nunca esquecerá. Transmita-lhe, por favor, as minhas saudações.

Entrevistador: Como nativo de Al-Quds (Jerusalém), cuja família viveu ao lado da Mesquita de Al-Aqsa, ainda recordo muito bem a lição de história da minha escola. Sei que há quatro mil anos Nabucodonosor veio para Al--Quds (Jerusalém) vindo de Baghdad.

O Sr. Presidente: Não foi apenas Nabucodonosor que veio do Iraque para a Palestina. Outro homem veio do Iraque para a Palestina e tornou-se o herói da sua libertação. Ele foi Saladdin Al-Ayyubi.

Entrevistador: A unidade entre o Iraque e a Síria nos últimos dois anos, presumia-se que fosse uma grande esperança conseguida com determinação pelos Árabes. Presumia-se também que fosse como uma resposta à capitulação do Presidente Anwar Sadat (do Egipto) e uma alternativa a Camp David (acordos). Mas perdeu-se. Quem é responsável pela sua perda?

O Sr. Presidente: Nós procurámos seriamente a unidade om a Síria. Eu disse a jornalistas sírios em Damasco durante o período da Carta (para Acção Nacional entre o Iraque e a Síria) que nós não tinhamos negligenciado a existência no passado de sérios motivos para desacordo, entre nós e as autoridades sírias. Mas as circunstâncias actuais, após os acordos de Camp David, constituíram

para nós uma obrigação, a de procurar unidade com a Síria.

Dissemo-lo claramente e francamente. Porém, se V. quiser saber a razão do fracasso desse projecto, V. poderá perguntar a quem usou a questão da unidade como uma carta de jogar. E V. poderá também perguntar se o Iraque alguma vez declarou a unidade com um país Árabe e utilizou esta questão sagrada como um jogo. Quanto à outra parte, as suas atitudes são bem conhecidas de todos os Árabes. V. saberá então quem foi o responsável pela perda desse lindo sonho.

Entrevistador: Qual é o resultado da sua experiência em carregar aos ombros a responsabilidade da liderança no Iraque — isto é, o que é que haveis aprendido desta experiência na liderança?

O Sr. Presidente: Aprendi muitas coisas, não por estar familiarizado com os acontecimentos na história, mas em termos de profundidade desta história viva que se vem modificando na nossa época. Eu não tinha experimentado isso com tal profundidade antes da Revolução (de Julho de 1968). Agora V. poderá compreender que a história Árabe — com todos os seus grandes significados — está presente na maior parte das nossas conversações e nas dos nossos camaradas do Partido Socialista Árabe Bat'th. Está presente tanto na forma de lições aprendidas, como na ideologia formulada, ambas retiradas dos capítulos da história Árabe.

Entrevistador: O progresso da história foi, portanto, como se fosse o progresso do Partido Socialista Árabe Bat'th; e os passos da história foram como os passos do vosso Partido. Foi assim?

O Sr. Presidente: Sim, certamente, mas não em termos de copiar — isto é, criando uma cópia do passado e aplicando-a à época presente. É antes a história caminhando efectivamente para o presente e não o presente que tivesse recuado para o passado.

Eu considero estes dois pontos como o mais importante daquilo que aprendi a nível ideológico. A nível internacional e de prática política, aprendi que a amizade e a inimizade são ambas motivadas por interesses. Não existe amizade nos termos em que nós Árabes a conhecíamos e entendíamos. Antes de assumir o poder (no Iraque) tínhamos a convicçaõ de que o seu amigo luta até à morte consigo e V. luta até à morte com ele. Em tempos de carência, V. partilha com ele o sustento e V. alinha sempre ao seu lado.

Quando assumimos o poder, não achámos que as coisas fossem como pensáramos a princípio.

Para ser justo nas relações internacionais, diremos que elas contêm muitos destes aspectos. Mas estes aspectos não constituem a moralidade básica das nações em causa. Quero dizer, este aspecto está relacionado com a expressão estratégica dos seus interesses. As nações podem juntar-se quando os seus interesses coincidem. Elas poderão também juntar-se quando as suas estratégias coincidem ou quando coincidem as suas estratégias e interesses. As estratégias são baseados nos interesses estabelecidos das nações. Isto não significa que as nações não tenham ideologias. Ao contrário, eu refiro-me àquelas, entre essas nações, que não aderem às suas ideologias.

Entrevistador: Vossa Excelência prefere o primeiro ponto de vista — aderir à nossa moral, aos costumes e à filosofia das políticas — ou prefere o ponto de vista estratégico das nações que colocam o interesse antes da moral?

O Sr. Presidente: Nós sabíamos o que se passava. Mas não o usámos ou agimos em conformidade nas nossas relações exteriores. Agora V. poderá avaliar as nossas relações com os países pobres de África e da América Latina. São apertadas e extensas, cobrindo uma área vasta. O nosso objectivo não é o de exportar os nossos produtos para estes países, nem é o de procurar o seu apoio para nós em épocas críticas.

Compreendendo a sua situação e apreciando a sua posição, nós não queremos embaraçá-los. Nisto procedemos de acordo com estes princípios do nosso Partido. Acrescentados e misturados com estes princípios estão, obviamente, os interesses da nossa nação. Daí o vermos a entidade sionista não em termos de interesses, mas em termos dos direitos usurpados desta nação (Árabe). Não é defeito da nossa parte procurar relações amplas e extensas,

nas quais deixamos as grandes potências em causa compreender que estamos do lado certo no conflito com o nosso inimigo e que procuramos a restituição do nosso território usurpado e não a usurpação do território alheio.

Entrevistador: Ao longo desta experiência, vós podeis ter ficado desapontado ao ver determinado país tomar uma atitude hostil para convosco, em lugar de uma atitude amigável como esperava — uma atitude tomada por um dirigente estrangeiro, não somente por certos Árabes. Não é verdade?

O Sr. Presidente: Desde que assumimos o poder em Julho de 1968, não rejeitámos um pedido de ajuda feito por qualquer país Árabe, nem abandonámos um país Árabe que procurasse o nosso apoio. Nunca pensámos em interferir nos assuntos internos de um país Árabe, contra a sua própria vontade, nem impusemos sobre alguém as nossas condições. Não apoiámos um estrangeiro contra um Árabe, nem tomámos uma atitude em divergência com a honra e o nacionalismo.

Se um determinado país Árabe quiser apoiar os nossos inimigos contra nós ou dirigir falsas acusações contra nós, deixamos isso para que a história julgue, para que julguem os povos e o futuro Árabe em geral. O nosso vitorioso avanço nunca parará.

Entrevistador: Mas os inimigos do Partido Socialista Árabe Ba'th, afirmam que o vosso Partido falhou em realizar os seus conhecidos princípios, depois de vós

terdes assumido o poder no Iraque, em virtude de diferenças e divisões com os vossos irmãos fora do Iraque.

O Sr. Presidente: Desde a nossa Revolução de 1968, pusemos à disposição dos nossos irmãos Árabes cada um dos temas nacionalistas que nos têm ocorrido. Fizemo-lo sem qualquer vaidade ou arrogância e sem procurar qualquer gratidão. Nunca pensámos em conspirar — Deus não permita — com um estrangeiro contra um Árabe, por mais fortes que sejam as nossas relações com esse estrangeiro.

Nunca mentimos a um Árabe fornecendo-lhe informação falsa — política, militar ou económica, nem interferimos nos problemas de qualquer país Árabe, sem a sua permissão e aprovação.

A atitude séria do Partido Socialista Árabe Ba'th começou em 1974. O Iraque tem estado, desde então, a agir com um espírito de fraternidade, relações autênticas e prudência completa em todas as conferências Árabes realizadas.

Quando uma ofensa contra nós é cometida por qualquer Estado Árabe, nós informamos imediatamente o Governo respectivo dos detalhes dessa ofensa.

Em todas as propostas que visam a consolidação das relações Árabes, nós ou apresentamos as ideias que facilitam a realização dos desejados objectivos nacionais (Árabes), ou adoptamos perante quem quer que seja aquilo que foi proposto por outros a esse respeito.

Estamos completamente satisfeitos, com a nossa moralidade e com o nosso progresso. Este é o nosso "activo" no Governo. Prova o nosso sucesso em melhorar o homem Árabe no Iraque, numa base moderna e nacionalista constante. Com este processo o Iraque deu um salto em frente de muitos anos em todos os domínios da ciência, construção, assuntos sociais, economia e poder.

Estamos muito orgulhosos do serviço que nos foi dado oferecer ao nosso povo Árabe neste país. Estamos na verdade muito orgulhosos da verdadeira integração conseguida, entre o Partido Socialista Árabe Ba'th e o povo.

Todavia, diremos ainda que não estamos completamente satisfeitos, porque buscamos a perfeição acreditando que o nosso caminho é longo e não estamos senão no começo. A nossa modéstia deliberada em declarar o nosso sucesso, não significa de modo algum que estes sucessos são limitados ou reduzidos.

Entrevistador: O que diz à desaprovação expressa cinicamente pelo Presidente Anwar Sadat do Egipto, de que vós liderais um governo sangrento que não conseguiu obter a paz e não podia oferecer uma alternativa aos acordos de Camp David?

O Sr. Presidente: Admito que somos incapazes de oferecer a alternativa apropriada, esperada pelo Presidente Sadat. Não podemos apresentar ou encontrar tal alternativa, especialmente se ela provém de uma comparação relativa com os acordos de Camp David.

Se a alternativa é para ser encontrada numa comparação estratégica com os acordos de Camp David, então que fique já claro que a pusemos aos nossos irmãos Árabes na Conferência da Cimeira Árabe, em Baghdad (Outubro de 1978) e foi por eles aprovada.

Mas se a alternativa é meramente técnica — para oferecer um projecto relativamente melhor para a chamada questão da autonomia, o futuro da margem ocidental e da Faixa de Gaza — a nossa resposta é que somos incapazes de fazê-lo. Não acreditamos nestas alternativas relativas. Nós procuramos a nossa justiça dentro dos seus vastos aspectos históricos.

Isto não significa, obviamente, que fechamos as nossas mentes e os nossos olhos ao que está em volta, seja em termos de recursos que a nossa nação (Árabe) domina, ou de outras questões importantes.

O que importa é compreender não apenas aquilo que se quer, mas também o que se pode fazer. Não é suficiente para nós, na verdade, compreender o que queremos e o que podemos fazer pelos nossos próprios recursos, se o objectivo desejado não pode ser atingido sem a disponibilidade de certo e favorável grupo internacional, ou de outras circunstâncias, para além dos nossos próprios esforços e meios.

Portanto, nós não fechamos os nossos olhos e as nossas mentes ao que nos rodeia no campo internacional, em termos de tendências, factos e desenvolvimentos.

Não nos erguemos contra qualquer passo do longo caminho, mas erguemo-nos vigorosamente contra qualquer passo que substitua todo o caminho. Acolhemos favoravelmente e aderimos firmemente a qualquer passo conducente à restituição de parte do território da Palestina, sem nos causar e às próximas gerações, a perda do resto da Palestina como preço a pagar pela tal parte.

Não temos tal material — é a nossa resposta inequívoca ao Sr. Anwar Sadat se ele nos pedir para apresentar a respectiva alternativa técnica para os acordos de Camp David, baseada na substituição de uma cláusula por outra, ou de uma data por outra. Não cremos que seja esta a maneira correcta para a nação Árabe restaurar os seus direitos.

Quanto a proclamar que o nosso sistema no Iraque é sangrento, poderei dizer em primeiro lugar que há certos critérios para julgar se um sistema é melhor do que aquele que deixou o poder. Residem no facto de descobrir se sim ou não o povo se sente feliz, como resultado da prosperidade económica, justiça social e de um ar de dignidade e prestígio.

Quem quer que seja que procure meros factos, terá de olhar para esses aspectos no Iraque. Se os encontrar, então o nosso sistema tem razão para sentir-se orgulhoso da sua natureza. De contrário, não tem.

Quanto a sermos sangrentos — isto é, cortar a cabeça de cada um que traia a sua pátria e estes princípios gerais,

que o povo tem o direito de disfrutar, ou quem é infiel a esta terra e ao seu ar, povo, água e solo, ou a quem colabora com um grupo estrangeiro contra os interesses do seu próprio país e do seu próprio povo — a nossa resposta é: nós, sem qualquer reserva e sem nenhuma misericórdia, cortamos a cabeça de cada um que nós descubramos que esteja a fazê-lo.

Isto foi exactamente o que fez Khalid Bin Al-Walid quando cortou as cabeças de trinta mil apóstatas na pequena comunidade da Península Árabe. Khalid Bin Al-Walid — com toda a sua grandeza, cavalheirismo, fé e sinceridade para com o Islão — era um homem sangrento ou era sangrento o seu sistema de governo? Nem ele nem o seu sistema o eram. Na verdade, Khalid Bin Al-Walid era muito severo quanto à mensagem do Islão.

Podemos encontrar algumas pessoas que voluntariamente nos acusam de cortar as cabeças de dezenas de pessoas. Bem, isto está correcto. Contudo, respondemos a esta acusação perguntando quantos Iraquianos estão prontos a morrer nas fronteiras iraquianas e a sacrificarem-se para aumentar o prestígio de toda a Nação Árabe. Podemos dizer orgulhosamente que são milhões.

Quantos desses que hipocritamente e pretensiosamente proclamam tolerância e fraternidade ao governar os seus próprios países, podem eles próprios alinhar com os seus próprios povos e os seus exércitos, contra os inimigos do Arabismo e as suas ambições, da mesma maneira como o

Iraque e o seu exército estão fazendo presentemente?

Eu posso controlar o cidadão iraquiano em Baghdad e convencê-lo a não participar numa manifestação contra Saddam Hussein. Mas eu sou incapaz de forçar este cidadão — se eu estiver confinado ao meu gabinete — a lutar contra as mais modernas armas americanas, tanques e foguetões nas linhas da frente iranianas de mil quilómetros, estendendo-se desde o triângulo fronteiriço do Iraque-Turquia-Irão até ao Shatt-al-Arab. No entanto, não consigo que ele vença estas armas nem impedir os Iranianos de recuperar um único palmo de território que ele ocupou e ganhou nesta guerra, a não ser que ele acredite, de modo elevado, neste sistema. Estes homens, sem essa convicção, não poderiam combater com tal ferocidade, zelo e coragem — o que é uma fonte de orgulho e admiração para nós.

Falar àcerca de matar cem pessoas, com vista a garantir a segurança, dignidade e patriotismo deste país, é inaceitável. Em troca de cem traidores ou conspiradores ou desviacionistas, um novo espírito emergiu — demonstrado, por exemplo, por um pai de dois mártires que veio a este gabinete para contar-me com verdadeira felicidade, que os seus dois filhos se tinham sacrificado pelo Iraque, louvando Deus Todo Poderoso por terem caído mártires sem permitir ao inimigo iraniano que dispusesse do solo iraquiano. Disse-me também que tinha outros seis filhos que se haviam alistado no exército para ganhar o martírio para os Árabes.

Neste gabinete recebi durante os últimos dois meses, milhares de pessoas idosas e de crianças. Todos eles expressaram devoção ao Iraque e aos Árabes. Eles procediam como se estivessem a oferecer-me condolências pelo martírio dos seus pais e filhos. Eles disseram-me: "Vós sois o nosso pai, Iraque é o nosso pai, o exército é o nosso pai, o Sistema é o nosso pai e a Nação Árabe é a nossa família". Pergunto a mim próprio quem inspirou nestas pessoas este vigoroso espírito de sacrifício. É sem dúvida a Revolução (de Julho de 1968) — o grande mestre.

Deixai os outros dizer que somos gente sangrenta, se assim gostam, desde que a punição de certos indivíduos limpe o país de quaisquer nódoas de desvio, conspiração e traição.

Criámos para o nosso povo uma atmosfera justa, para exprimir o seu patriotismo e as suas próprias opiniões, sem qualquer intervenção dos órgãos do Estado.

Nós cortamos as cabeças daqueles que utilizam a força contra a Revolução (de Julho de 1968), que negoceiam com grupos estrangeiros, que negoceiam drogas para arruinar a saúde e a moral do povo, que aceitam subornos nas transações internacionais, roubando deste modo os fundos do povo. Ao punir todas estas pessoas, não ficaremos envergonhados. Assim faremos em prol do povo, da pátria e pelo futuro Árabe em geral.

Entrevistador: Como explica Vossa Excelência que o Egipto tenha deixado os laços Árabes e a sua mudança,

sob a direcção do seu líder, de aliado-irmão para aliado do inimigo?

O Sr. Presidente: Não devemos confundir o Presidente Anwar Sadat com o Egipto, mesmo que isso lhe agrade a ele. Temos de saber distinguir entre um obstáculo e traição, e entre uma pausa e renúncia. A tendência efectiva, cultural ou política, pode ter sido exposta a uma pausa, mas não a uma renúncia.

O povo é sem dúvida mais forte que um líder individual ou um grupo de líderes. O que serve como indicação disto é a diferença entre o Egipto de Nasser e o Egipto de Sadat. O período que separa as duas eras foi somente de três anos. Poderia o povo egípcio, portanto, ter mudado em apenas três anos?

Falando com franqueza e realismo, os povos do Terceiro Mundo são susceptíveis de ser infuenciados, em grande escala, pelo carácter, ideias, atitudes e tendências dos seus líderes. Contudo, a influência do mais inteligente líder não pode ser eventualmente histórica. Contra este plano de fundo, não confundimos o Presidente Sadat com o Egipto.

O que acontece no Egipto levanta uma questão importante. Se o Egipto estivesse sob outro governante que fosse um patriota verdadeiramente revolucionário e um Árabe nacionalista, o povo egípcio teria abandonado o seu governante, ou ficaria a seu lado? O povo egípcio teria sem qualquer dúvida assumido uma posição revolucionária

e nacionalista, ao lado do seu Presidente patriota e revolucionário.

As raízes históricas dos vínculos nacionalistas Árabes, estão ainda genuinamente e solidamente vivas na consciência do povo egípcio. Terão apenas de ser postas a descoberto e que lhe seja oferecida a oportunidade certa de interacção, de modo a desabrochar a sua genuína natureza.

Quanto às razões porque o Presidente Sadat abandonou os seus laços Árabes, foi porque ele perdeu a fé. Ele não tem fé em quaisquer critérios ou valores de que lhe falei. Por isso o vemos renunciando a eles.

Isto não significa que o Sr. Sadat tenha alguma vez acreditado nestes valores e tenha mais tarde renunciado a eles. Logo desde o começo, ele não teve fé alguma em todos os valores nacionalistas (Árabes) conhecidos na pátria Árabe.

V. poderá perguntar-me porque não os abandonou ele em 1971. Se a oposição Árabe à política de Sadat fosse capaz de resistir efectivamente às manobras de Sadat, dos seus aliados e dos seus amigos, e de expô-las ao público egípcio, podia ele renunciar a tais valores, retirar-se do campo Árabe e concluir tréguas com o inimigo, da maneira que fez?

Não há modelos impressionantes de patriotismo na pátria Árabe, de modo a poder trazê-los perante o povo do Egipto para uma comparação substancial (com o modelo de Sadat).

As linhas pretas e brancas nos actuais modelos Árabes, estão quási pegadas umas às outras, se fosse necessário compará-las com o modelo de Sadat.

Não digo que todo aquele que acredita nas chamadas soluções pacíficas é um derrotista. Mas antes de negociar com o inimigo, tereis pelo menos de dominar uma posição estratégica não menos — senão mesmo mais — poderosa e efectiva do que a do vosso inimigo.

Não deveríamos nós compreender a psicologia do inimigo que, historicamente, geograficamente e politicamente considera os territórios Árabes (ocupados) como seus — algo que eventualmente tornou-o hesitante em restituí-los a nós? Como pôde ele (Presidente Sadat) permitir-se negociar com um tal inimigo usurpador?

O crime foi cometido através do afrouxamento, dentro do Egipto, da tensão contra o inimigo, a dissipação da prontidão do povo egípcio para o sacrifício, o negligenciar do seu zelo e o assassínio da sua moral. Então é que ele negociou, mas nada obteve do seu inimigo. Assim, o espírito de combate do povo no Egipto foi enfraquecido mas não morreu porque, como atitude histórica, pode ser ressuscitado em qualquer altura.

O Presidente Sadat não podia, no princípio, dizer ao povo do Egipto que abandonaria os Árabes. Ele continuou a tentar influenciar psicologicamente aquele povo, conduzindo-o de uma fase para outra. Quando chegou o tempo de tomar a sua decisão, ele não encontrou oposição popular capaz de resistir-lhe.

Ele começou então a concentrar-se na lógica local (anti-Árabe) que sugeria que o Presidente Sadat estava apto a restaurar o deserto do Sinai e que os Árabes tinham de seguir os seus passos para restaurar os seus próprios direitos. Por outro lado, com a sua máquina de propaganda, ele concentrou-se em determinados pontos verdadeiros mas fora do contexto e usou-os para fins prejudiciais. Ele disse aos Egípcios que eles estavam esfomeados ao passo que os Árabes possuíam milhões e que os Árabes pretendiam que o Egipto lutasse sozinho contra Israel, enquanto eles permaneciam de braços cruzados.

Deste modo, o Presidente Sadat intensificou de modo claro os sentimentos e tendências regionais (anti-Árabes), existentes dentro do Egipto, contra a nação Árabe. Ele dirigiu aos Árabes muitas acusações que não são — devo dizê-lo francamente — todas falsas. Nas realidades Árabes estão alguns dos aspectos sugeridos pelo Presidente Sadat. Mas o que aqui realmente importa é definir a responsabilidade de tais aspectos. São eles da responsabilidade de todos os Árabes? São eles da responsabilidade dos Árabes num contexto histórico? E são eles da responsabilidade do nacionalismo Árabe? Se existe alguma verdade naquilo que Sadat sugeriu, a responsabilidade pertence na verdade a poucos indivíduos árabes.

Sadat não podia ter produzido senão uma má acção como os acordos de Camp David. Mas qual é a solução? É criar um povo Árabe capaz de lutar precisamente da

mesma maneira como o povo do Iraque está hoje a combater os seus inimigos iranianos.

Nós combatemos o Irão que possui as mesmas armas que Israel, mas em maiores quantidades. Dentro de uma semana na sua guerra contra os Árabes, Israel teve necessidade de uma ponte aérea (de armas) para salvar-se. Contudo, entramos esta semana no quinto mês de guerra e, apesar disso, estamos ainda a lutar como se estivéssemos no primeiro dia da guerra. Não pedimos a ninguém uma ponte aérea ou ponte marítima, para salvar-nos ou ajudar-nos. Não importa quão superior o soldado israelita é ao soldado iraniano — no caso de combatermos Israel não temos necessidade de ocupar, dentro dos territórios ocupados por Israel, um território de centenas de quilómetros, como fizemos no Irão.

Bastará entrar trinta quilómetros para quebrar a espinha dorsal de Israel. Estamos sós a combater o Irão. Lutamos sós contra as armas que o Irão havia amontoado para lutar contra todos os exércitos Árabes, e para se aguentar contra um possível avanço soviético. O Xá do Irão planeava realizar as suas ambições expansionistas e imperialistas, à custa dos Árabes. Nos seus cálculos, estes planos só se concretizariam ao derrotar o Iraque, ocupando o seu território e atravessando-o como passagem para o resto da pátria Árabe.

Temos combatido sós esta batalha e derrotámos o exército do Xá. Quanto à nossa batalha contra Israel, não

devemos combater sós, assim como a Jordânia ou a Síria. Temos todos de lutar nesta batalha. Não teremos necessidade de ocupar mais do que uns poucos quilómetros e então Israel sofrerá um colapso sob o ponto de vista político, moral e militar, como uma casa construída na areia.

Se nós proporcionarmos ao cidadão Árabe as necessidades desta batalha, em termos de sociedade, liderança, exército e fé, proporcionaremos a alternativa necessária para aquilo que é chamado o tratado de Camp David.

Deixe-me dizer-lhe isto: não fora a fé do Iraque na sua causa — pela qual estamos hoje a lutar — o exército persa estaria hoje a combater-nos às portas de Baghdad.

O segredo por trás da fé do nosso exército na sua batalha, é a sua fé na sua ideologia juntamente com a fé do povo no seu exército, ideologia e também a sua honrosa batalha.

Entrevistador: Vê um fim para esta guerra?

O Sr. Presidente: O fim chegará quando o Irão estiver completamente convencido quanto à protecção ideológica e política que lhe propusemos, para as relações bilaterais. Esta protecção estipula o reconhecimento por, ambas as partes, do princípio de que o uso da força não vinculará direitos ilegítimos para qualquer das partes. Quero dizer, por ambas as partes, não apenas o Iraque, mas o Iraque dentro da nação Árabe vis-à-vis o Irão.

Deste modo, o Iraque restaurará os seus direitos sobre as suas terras e águas, os quais foram definidos por trata-

dos internacionais, e assim os proprietários Árabes das três ilhas no Golfo recuperarão as suas ilhas. Similarmente, o Irão recuperará o seu território.

Estes são basicamente os princípios postos pelos Árabes, que entraram dentro do território iraniano por centenas de quilómetros, entrando profundamente nas regiões planas e montanhosas. Contudo, declaramos que estamos prontos a retirar e a devolver este território aos seus donos.

O objectivo de atingir esta profundidade, não foi o de preservar o território mas sim o de conseguir certos objectivos de segurança em defesa do Iraque e dos direitos da nação Árabe. Dissemos isto a todos os mediadores, internacionais, locais, Árabes e Muçulmanos, a todos os níveis e em todos os tempos.

Entrevistador: Posso fazer-lhe uma pergunta àcerca das vossas perdas nesta guerra — se elas não constituem segredo militar?

O Sr. Presidente: Li uma vez que a Rádio Damasco disse que as perdas do Iraque são milhares de mártires. Fiquei realmente aborrecido e disse para mim próprio: e se eu disser isto ao Presidente Hafiz Assad (da Síria): "Acha que é demais para o Iraque oferecer milhares dos seus homens para ganharem o martírio em defesa do Iraque e da nação Árabe? Não é isto uma fonte de orgulho e respeito para o Iraque e o seu exército? Não é uma questão de orgulho e admiração que milhares de iraquianos

ganhem o martírio combatendo os Persas, enquanto vós, Irmão Hafiz (Assad) não oferecesteis na guerra de 1967 mais do que 138 mártires, assim se perdendo os montes Golan? Nós não oferecemos, Irmão Hafiz, apenas milhares de mártires, mas milhões, porque isso é uma fonte do nosso orgulho. A perda real não é a perda do sangue do mártir. É antes a perda do território, da soberania e do prestígio nacional.

"Iraque procura a segurança do seu próprio povo e da inteira nação Árabe. A revolução iraniana tentou impôr a sua hegemonia sobre a nação Árabe. Os iranianos tentaram aterrorizar as crianças iraquianas. Por isso temos de repeli-los. Eles bombardearam Mendali e Khanaqin (cidades fronteiriças) aterrorizando crianças e mulheres, bombardeando em seguida Basra e Fao. Eles tentaram fazer uma arremetida com os seus tanques e avançar para Baghdad para ocupar todo o Iraque.

"Por isso nos erguemos para enfrentá-los sem olhar a perdas. Assim fazendo, poupamos aos Árabes humilhação, degradação e agressão. Não fora o Iraque e o seu exército, os iranianos teriam ocupado todo o Golfo Árabe e teriam atingido a Península Arábica e teriam certamente ocupado o próprio Iraque.

"Posso dizer-lhe, Presidente Hafiz, que se não fosse o Iraque e os seus sacrifícios, os Árabes teriam sido sem dúvida humilhados e desonrados, mas as nossas perdas em homens e recursos talvez não excedam uma pequena parte das perdas dos vossos aliados Iranianos".

Entrevistador: Excelência, alguns Árabes apoiaram-vos nesta guerra e outros apenas telegrafaram ou telefonaram. Estais na verdade satisfeitos com a posição Árabe em geral, sobre esta guerra com o Irão?

O Sr. Presidente: Não, não estou. Como posso estar satisfeito quando o sangue do exército iraquiano poderia ser derramado juntamente com o de qualquer outro exército Árabe se estivesse combatendo nesta guerra?

Os Árabes têm de partilhar connosco o nosso sacrifício na defesa da sua e da nossa dignidade. Alguns Árabes, nomeadamente o Rei Hussein, assumiram com honra e dignidade uma posição tão generosa que o exército iraquiano teve ocasião de sentir a autêntica fraternidade dos seus irmãos e a nobreza das suas afeições. Os soldados iraquianos mais não desejavam do que palavras de encorajamento e de afeição.

Mas V. tem de saber que a Jordânia fica nas fronteiras de Israel, o qual não deseja que o Iraque conquiste qualquer vitória. Nas fronteiras da Jordânia fica também a Síria e os seus governantes que não favorecem uma vitória iraquiana.

Entrevistador: Porque é que eles — em Damasco — não favorecem a vossa vitória?

O Sr. Presidente: Se eles dizem que o poder do Iraque representaria uma ameaça para eles, a minha resposta seria que em tempo algum o Iraque esteve fraco, desde que assumimos o poder (em Julho de 1968). Contudo, não usámos o nosso exército contra eles ou contra qualquer outro estado Árabe. Mas se a nossa vitória serviria como uma indicação — para o nosso povo na Síria — do facto, que o homem Árabe pode ser de um tipo diferente, nós dizemos que sim, que serviria. Cada exército Árabe pode ser como o nosso, desde que renuncie ao sectarismo que é calculado numa base estritamente local.

O povo do Iraque consiste em diversas regiões e comunidades étnicas. Contudo, todos eles estão honradamente e com o mesmo espírito autêntico a combater o inimigo.

O nosso povo na Síria poderá pensar e perguntar aos seus líderes porque eles não podem fazer aquilo que o exército do Iraque fez contra o Irão e porque não podem eles tentar extrair uma lição, para libertar o território de Golan.

Em vez disso, os governantes sírios agiram infelizmente contra a lógica e o seu dever de libertar o seu amado território da ocupação israelita. Que Deus lhes perdoe.

Entrevistador: Mas como podeis vós explicar a atitude dos outros de que lhe falei — aqueles Árabes que apenas telegrafaram ou telefonaram para vós?

O Sr. Presidente: Cada um tem as suas circunstâncias particulares próprias, que eu compreendo mas não posso justificar. Alguns, timidamente, murmuraram o seu apoio e bons desejos a nosso favor. Estou orgulhoso da posição

do Rei Hussein e certamente das do Yemen do Norte e da Mauritânia.

Mas permita-me que diga novamente que se os outros irmãos estivessem combatendo, o sangue do exército iraquiano e os recursos do Iraque teriam sido certamente postos à sua disposição.

Entrevistador: Tenho uma mensagem para vós, da Sagrada Quds (Jerusalém), um verdadeiro beijo que poderá dizer-vos que a batalha de Al-Qadisiya (por causa da batalha Islâmica-Árabe de Al-Qadisiya contra os pagãos Persas em 637 A.D.) é de vários tipos: alguns contra os Persas e outros contra Israel. Porém, todos eles são contra os inimigos e todos eles não são senão a luta por Deus.

المطبعة الكاثوليكية ـــــ بيروت ١٩٦٧ / ١٨٠١

الطبعة الثانية ـــــ